

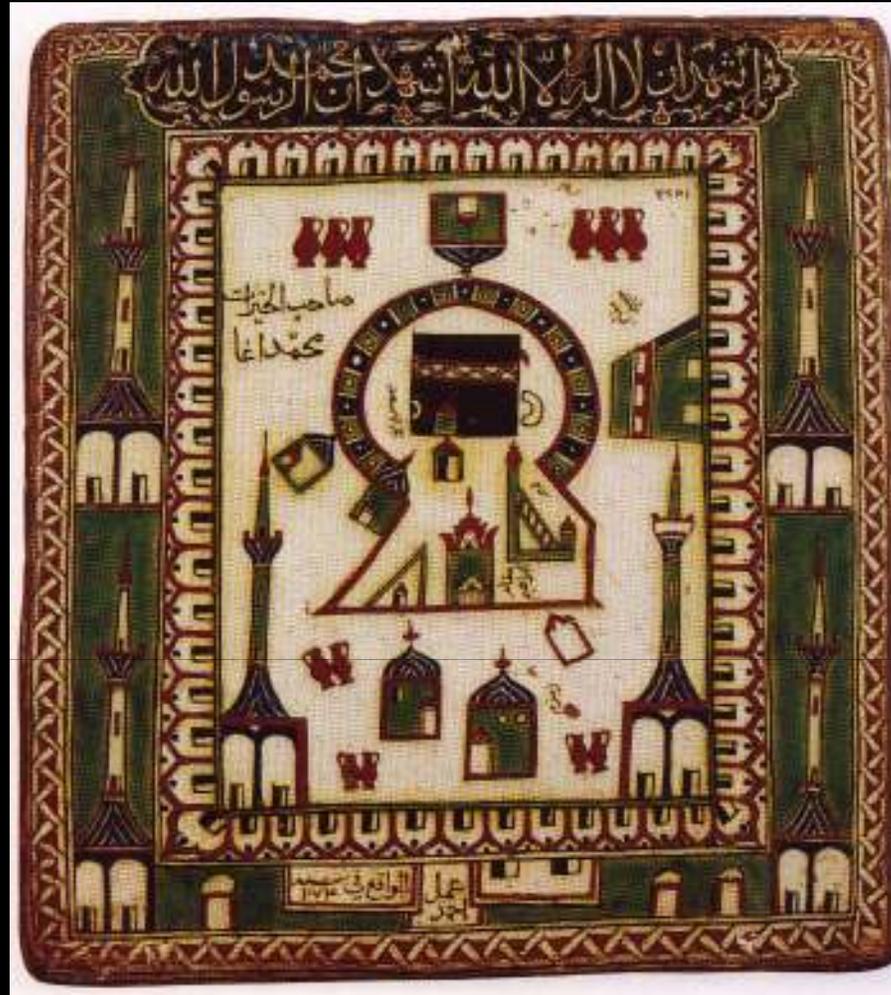
Arquitetura Islâmica: os árabes, o Islã e outros povos

Curso apresentado por Andrea Piccini e Lygia Rocco
para o Instituto da Cultura Árabe – out.nov. 2010

Aula 5

Arte Islâmica





Azulejo em cerâmica com o santuário da Kaaba em Meca – Turquia século XVI. Museu do Cairo de Arte Islâmica. Telha decorada com uma representação estilizada da Kaaba no centro da grande mesquita de Meca, e o pórtico que delimita o quadro interno. Nas representações deste tipo, que também aparecem nos livros, o que é importante não é a precisão topográfica, mas a enumeração dos aspectos mais importantes do santuário. Entre outros detalhes se podem reconhecer os seis minaretes da mesquita, o minbar e a fonte zamzam (ou poço de Ismael), trazida por Deus no deserto para socorrer Hagar, a concubina de Abraão e seu filho Ismael, que estavam sem água quase a morrer.



A guarda da chave da Kaaba era um dever da família de Banu Shaiban, a soberana de Meca e Medina e significou era um alto privilégio para muitas outras dinastias como os Fatimidas, os seldjucidas e os aiubidas, representava uma reafirmação do prestígio político do guardião da chave. Em 1517 os otomanos detiveram o domínio sobre Meca e também, simbolicamente, o “poder da chave”. A partir de 1924, a vigilância de Meca e tudo relacionado com a peregrinação passaram a ser uma prerrogativa da Casa Real Saudita. Em 1986 o rei Fahd depôs oficialmente o tijolo real e em seguida se definiu “o protetor dos dois lugares santos”.



O profeta Moisés e Muhammad com o anjo Gabriel (museu de Berlim - talvez séc. XVI)

A viagem ao céu de Muhammad se constitui um dos temas preferidos da miniatura islâmica. O motivo é derivado das visões do Profeta descrita no Alcorão, em que aparecem os mensageiros divinos. Baseados nos hadiths transmitidos por Ibn Ishaq, Muhammad, conta-se que o anjo Gabriel o havia conduzido através do sete céus, onde ele havia visto a divisão feita de Adão entre a (alma) anime boa e ruim, e então se encontrou com Moisés. Disse que quando perguntaram para ele (Muhammad) quantas orações ele exigiria, e ele respondeu “50 por dia”. Moisés disse: “A oração é uma coisa muito difícil, é o teu povo é fraco” Moisés deixou que Muhammad implorasse a Deus uma redução das orações, até que por fim ficaram as cinco orações diárias e obrigatórias até hoje.

Halima, ama de leite de Muhammad amamenta uma criança órfã. Miniatura de Siyer-i Nabi, segunda metade do séc. XVI.

Muhammad nasceu em 570, membro da tribo dos Hashimitas. O pai, Abdallah, tinha morrido antes dele nascer e sua mãe, Amina, quando Muhammad tinha 6 anos. Ele foi então criado pelo seu avô paterno de depois da morte deste (578), ele foi acolhido por seu tio paterno Abu Talib ao qual foi fiel até sua morte em 619.

Siyer-i Nebi é um épico turco sobre a vida de Muhammad, completado por volta de 1388. Foi escrito por Mustafa ibn Yusuf de Erzurum, um derviche mevlevi da comissão do sultão Berkuk (1382-1399) o governador mameluco do Cairo.

O governante otomano Murad III (1574–1595) ordenou que o trabalho fosse ilustrado, e o famoso calígrafo Lutfi Abdullah foi encarregado do trabalho no palácio real e completou o trabalho sob o sucessor de Murad, Mehmed III, em 16 de janeiro de 1595. O trabalho completo contém 814 miniaturas em seis volumes.

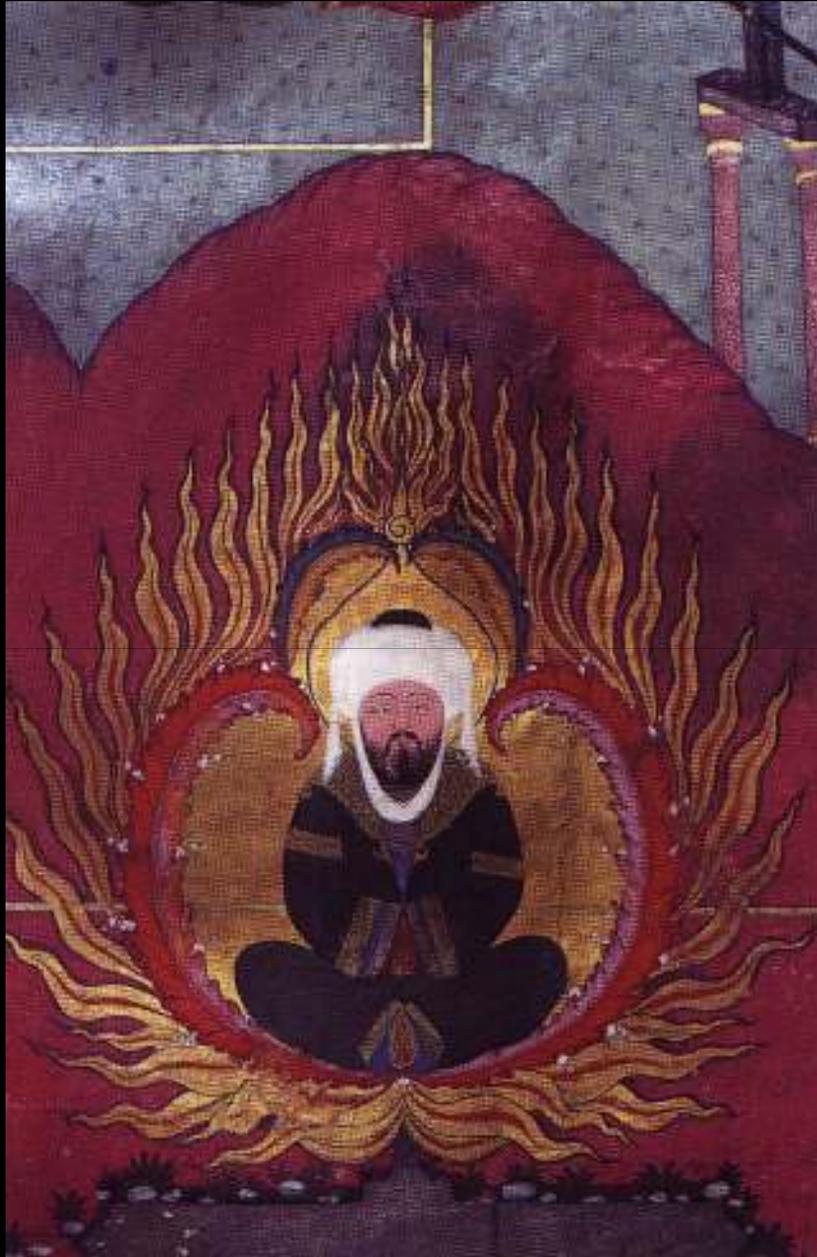




Muhammad faz o sermão na mesquita em Medina. (miniatura árabe do séc. XIV)

A criação e uso do *minbar* são bem anteriores, retomando à época em que o Profeta estava vivo. Ele normalmente se dirigia a comunidade de fiéis, sentado em uma pequena escada de dois degraus. Em 670-671, Mu^cāwiya ordenou que fossem acrescentados mais seis degraus. Algumas fontes afirmam que Muhammad construí em 628-29 pela primeira vez um púlpito para que todos os fiéis pudessem vê-lo.

O púlpito, na maioria das vezes feito em madeira, é colocado próximo ao *mi-rāb*, onde o *imām*, ou líder religioso, se posiciona quando ele realiza o sermão da oração da sexta-feira e dos feriados.



O Profeta Abraão – miniatura otomana, 1583 (Museu de arte turca e islâmica, Istambul)

Para o Islã, Abraão é considerado o primeiro profeta e ao mesmo tempo de hanif (o que busca Deus) e está em relação estreita com o santuário de Meca. Segundo o Alcorão, Abraão e seu filho Ismael construíram a Kaaba como santuário do único Deus (Allah). Abraão é o protótipo do hanif, do monoteísta que busca Deus em um ambiente politeísta. É um dos conceitos mais interessantes do Islã. Em princípio é aquele que possui a religião primordial da unidade e sinceridade com Allah. Hanif é quem se inclina de maneira espontânea ao Criador e não o associada a nada. O hanif por excelência é Abraão (Ibrahim em árabe) e a comunidade dos crentes se chama millat (comunidade de Ibrahim). Segundo tal tradição o Islã se refere ao tempo antecedente ao politeísmo árabe e está em relação a Meca com um monoteísmo originário.



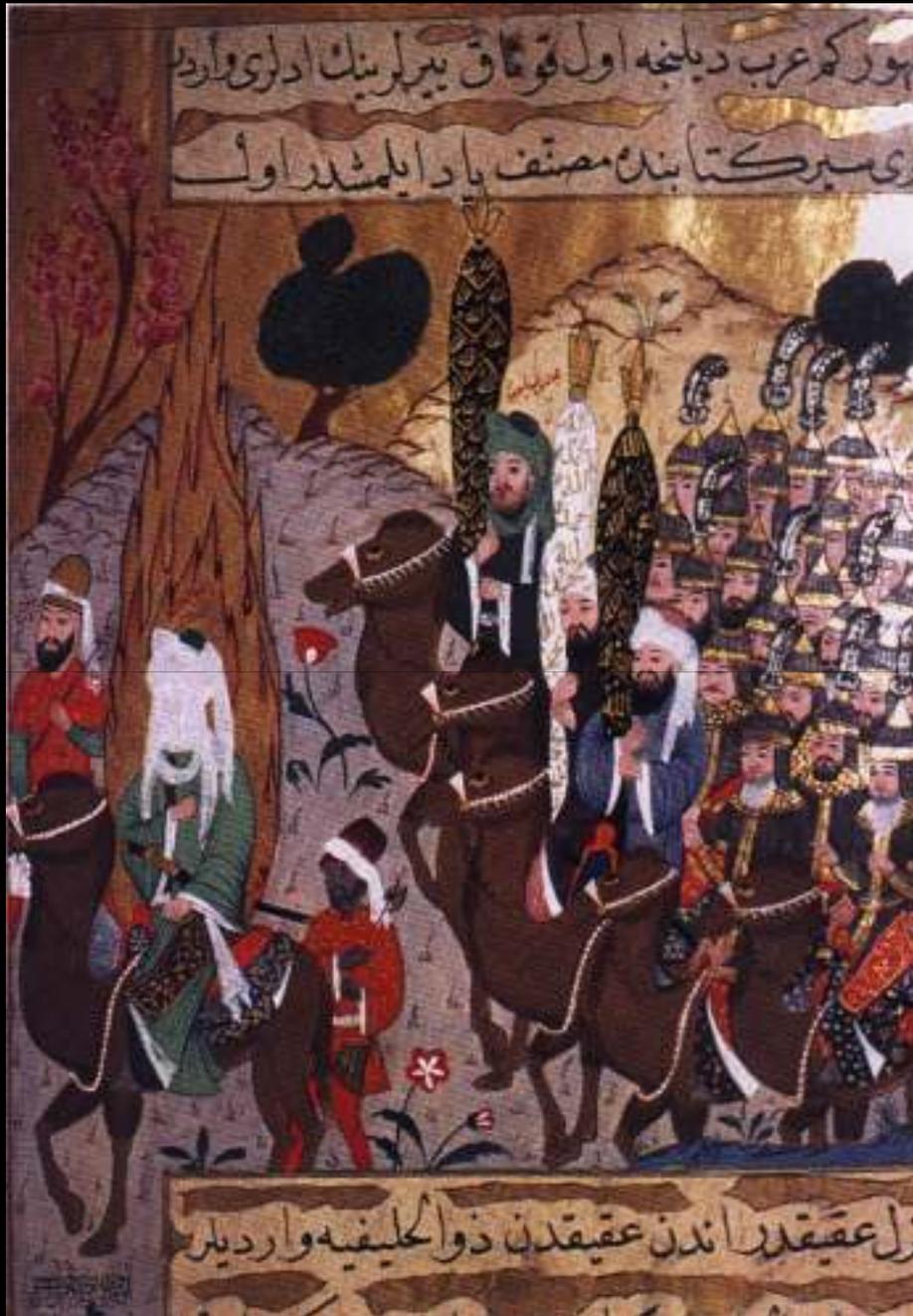
Jornada noturna de Muhammad ao céu montado no cavalo Buraq (miniatura persa, 1458. Museu de Istambul).

Se refere ao viagem noturna (Al-Isra. Em árabe: سورة الإسراء) de Muhammad descrita na sura 17, quando Deus o conduz de Meca a Jerusalém, e depois o trouxe de volta, reforçando a ligação entre estas duas cidades sagradas.

Em 624, Muhammad decidiu mudar a direção prescrita para a oração de Jerusalém para Meca mas Jerusalém continuou sendo uma cidade santa para o Islã.

Buraq (árabe: البراق), o cavalo alado do profeta é um ser alado, similar ao centauro ou a uma esfinge com rosto humano. Segundo a religião islâmica, Muhammad (Maomé) foi transportado de Meca para Jerusalém (numa viagem noturna denominada Isra), a partir de onde ascendeu ao céu.

É um assunto muito amado pela pintura islâmica. A história da viagem noturna incorpora motivos bíblicos, como a visão de Jacó na escada dos anjos (Gênesis 28, 10-22), e assunto de estudos orientais antigos. É um dos temas mais comuns nas miniaturas persas produzidas a partir do século XIV.



Muhammad e seus seguidores se transferem para Meca. Miniatura de Siyer-i Nabi, Istambul, segunda metade do séc. XVI

Muhammad de Meca em 622, sua cidade natal para Yatrib (Medina). A relação da nascente comunidade muçulmana com os habitantes foi muito tensa. Muhammad marchou sobre Meca em Janeiro de 630 com 10.000 combatentes. Não houve derramamento de sangue. Abu Sufyan e outros líderes de Meca submeteram-se formalmente. Muhammad prometeu uma anistia geral (com algumas pessoas especificamente excluídas). Apesar de ele não os ter forçado, muitos habitantes de Meca converteram-se ao islã. Em Meca, Muhammad destruiu os ídolos na Kaaba e em outros pequenos santuários.



Muhammad é levado pelos anjos de Deus. Miniatura otomana, 1583, Istambul.



Azulejo (lajota) otomana decorativa com a inscrição “ma sha’a Allah”. Séc. XIX.

Ma sha’a Allah quer dizer: o que Deus quiser e significa que o que Deus faz, ele fez bem. (Deus sabe o que faz). Aparece em muitas suras do Alcorão e se tornou uma expressão de uso comum no língua falada. Exprime o conceito que tudo o que ocorre faz parte da vontade de Deus e o homem deve aceitar confiando na intenção de Deus.



Um muçulmano dá esmola. Miniatura persa do Bustan (jardim) de Sa'di, Bihzad. Séc. XV. Cairo, Biblioteca nacional.

Zakat ou Zakah (árabe: زكاة) é um tributo religioso, impropriamente traduzido como esmola. É o terceiro dos cinco pilares do Islão. Significa, literalmente, "crescer" ou "aumentar". É considerado um dever do ponto de vista religioso e definida como "taxa para os pobres". O zakat serve para exercitar a solidariedade entre os muçulmanos. Segundo o islã, toda a riqueza é oriunda de Allah. Aqueles que tiveram a sorte de beneficiar da sua riqueza devem por sua vez apoiar os membros mais desfavorecidos da comunidade muçulmana (a umma). O não pagamento do zakat é entendido como um pecado que será julgado no Dia do Juízo Final (Yaum al-Qiyamah). Este tributo é também visto como uma forma de purificação do crente.

Bustan em persa significa jardim de flores e Bustan de Sa'di é uma composição de estórias e máximas onde cada uma representa uma flor deste jardim. Bustan de Sa'di é mundialmente famoso devido a sua eloqüência de estilo, clareza de linguagem, guia moral através da arte da poesia.



Cortejo do fim do Ramadã, miniatura árabe de Maqamat di Hariri, Bagdá, 1237. Biblioteca Nacional de Paris.

Al-Maqamat é o título de um livro escrito por Abu Muhammad al Qasim ibn Ali al-Hariri (1054-1122) contendo 50 pequenas histórias (maqamat = sessões), cada identificada pelo nome de uma cidade no mundo muçulmano na época.

O gênero narrativo das maqāmas caracteriza-se pelo caráter divertido dos contos, pela combinação de verso e prosa rimada, e pela abundância de recursos estilísticos.



Muhammad e Abu Bakr na gruta. Miniatura turca. Séc. XVI. (museu alemão)

Abu Bakr foi um dos primeiros seguidores de Muhammad em Meca e em Medina. Ele se torna um dos conselheiros políticos e militares mais importante. Sua filha Aisha se torna esposa de Muhammad. Foi se tornou o primeiro califa após a morte de Muhammad. Na miniatura, Abu Bakr vem sempre representado como companheiro fiel do Profeta.



Jesus e Muhammad cavalgam juntos: Jesus sobre a mula e Muhammad sobre o camelo. Miniatura persa de al-Biruni. Séc. XVIII, Teerã.

A miniatura mostra a grande consideração que Jesus tinha no Islã, que o considerava um dos principais profetas e predecessor direto de Muhammad. Eles retornarão no final dos tempos (Jesus, Muhammad, Moisés, governarão como muçulmanos justos e restabelecerão a unidade entre os homens).



Muhammad e os quatro califas guiados corretamente. Miniatura otomana, séc. XVI. Cairo, Biblioteca Nacional.

O período dos quatro califas guiados corretamente é considerado no Islã sunita uma época em que foram seguidos fielmente os preceitos de Deus, e por isto se é apresentado por seu esplendor. Os califas Abu Bakr (632-634) e Omar (634-644) eram seus sogros, o califa Othman (644-656) e Ali (656-661) eram seus genros.



Muhammad e Ali retiram os ídolos da Kaaba. Miniatura das Raudat as-Safa de Mir Havand, Shiraz, Irã. 1585-1595.

Ali é apresentado como o mais importante colaborador de Muhammad, quando em 630 eles conquistaram Meca e retiraram a pedra vermelha do Deus Hubal, onde só permaneceu a pedra negra. Os xiitas consideram Ali o único sucessor do Profeta e chefe (imã) da comunidade.



Relêvo de um felino. Qasr al-Hair, séc. VIII. Palmira. Museu arqueológico.

Palácio de Qasr al-Hair al-Gharbi construído pelos omíadas no deserto sírio. Exemplo de arte profana que floresceu na antiguidade tardia nos países limítrofes ao Mediterrâneo. (elementos clássicos com ornamentos em caráter geométrico que encontra uma nova expressão na arte decorativa islâmica).



Paisagem fantástica. Antologia de texto literário e místico. Irã, final do séc. XIV. Istambul Museu.

A miniatura mostra uma figuração rara de paisagem fantástica. Não está claro se esta paisagem é uma representação de um texto específico (talvez o paraíso que se encontra no Alcorão), uma representação de uma paisagem terrena idealizada, ou simplesmente um elemento decorativo.



Esquerda: Página de um manuscrito do Alcorão. Cairuã, séc. X. Biblioteca Nacional da Tunísia. Manuscrito redigido em pergaminho, material que era usado apenas nos primeiros tempos do Islã para redigir o Alcorão. Texto em estilo cúfico, cujo nome deriva da cidade sarracena de Kufa, onde se desenvolveu esta forma de escrita.

Direita: Página do chamado manuscrito “azul” do Alcorão. Cairuã, final do séc. X e início do séc. XI. Biblioteca Nacional. Tunísia. (tinta, aquarela opaca, prata (agora oxidada) e ouro sobre pergaminho azul tingido) O fólio duplo do Alcorão em escrita cúfica destaca-se pela sua importância: pertencia ao designado Alcorão Azul, composto com tinta, ouro e prata em pergaminho tingido de anil. Este famoso manuscrito, do qual se conhece apenas algumas páginas espalhadas em diversas coleções, foi redigido ou na Ifriqiya (Tunísia) ou no Egito, para os soberanos da dinastia fatimida. A escrita se diferencia da primeira pela ocorrência de linhas soltas e uma angularidade muito acentuada.



Parte da cobertura timúrida do Alcorão com roseta Shamsa (o sol). Séc. XV. Istambul.

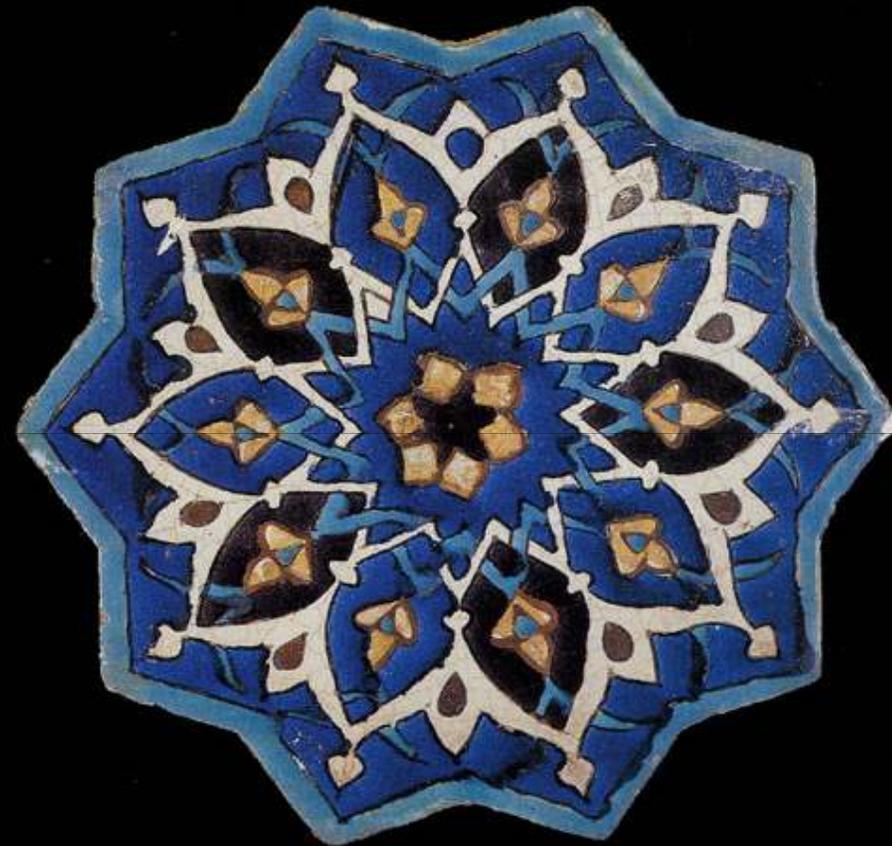
Mostra a estrela de oito pontas que inclui oito pétalas. Em decorações de grandes superfícies este ornamento é repetido, mas não modificado ou ampliado.

Os Timúridas, autodesignados Gurkânī (em persa: گورکانی), foram uma dinastia muçulmana sunita da Ásia Central originalmente de ascendência turco-mongol cujo império incluía o conjunto da Ásia Central, Irã, os atuais Afeganistão e Paquistão, assim como grande parte da Mesopotâmia e Cáucaso. Foi fundada pelo lendário conquistador Tamerlão (Timur), no século XIV.



Painel da porta. Síria ou Egito. Séc. XIV.

Um dos motivos preferidos da arte islâmica foi a variação da forma estrelar. A madeira marchetada para o painéis de porta mostra uma estrela de doze pontas que continua até ao infinito. No interior do motivo, são inseridos pedaços de marfim e madrepérola cujas cores claras criam um belo contraste como a madeira escura.



Azulejo. Pérsia, período timúrida, século XV
Cerâmica, técnica de corda seca , Ø 36 cm.

A cerâmica de corda seca, técnica que permite combinar várias cores num azulejo, foi desenvolvida na Pérsia durante o século XIV como substituto menos dispendioso que o mosaico, continuando, ainda hoje, a ser utilizada. Esta técnica consiste em delimitar as áreas de um desenho na cerâmica com um material gorduroso para isolar os diversos esmaltes. Eles funcionam como uma “corda”, que impedem a mistura das cores numa mesma peça. Por ser gorduroso, o grafite não permite a absorção da tinta pela argila. Depois, da queima, o grafite desaparece, ficando o contorno em baixo relevo, na cor da peça crua, como se fosse uma corda, da qual se originou o nome “corda-seca”

A decoração deste azulejo, em forma de estrela, consiste numa estrutura complexa baseada numa flor de lótus estilizada e composta por dez pétalas. O centro é decorado com uma estrela de seis pontas com vestígios de dourado. Esta forma combinava-se com azulejos de outras tipologias – pentágonos, hexágonos, e outros polígonos, formando assim um padrão geométrico elaborado, sendo geralmente a estrela com doze pontas o elemento central da composição.

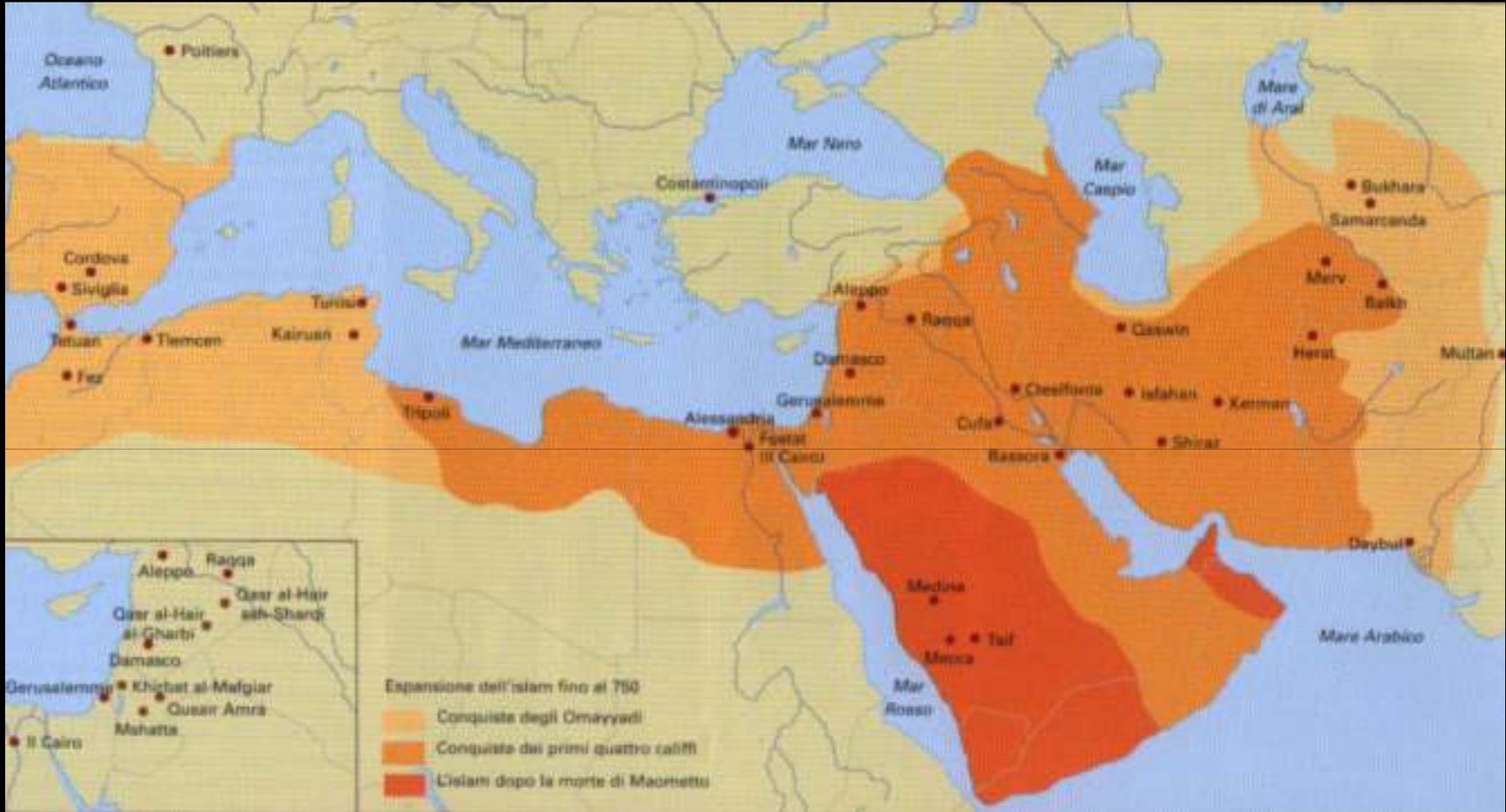
A paleta cromática inclui o branco, o turquesa e o manganês sobre um fundo de azul cobalto e ouro. Estes painéis de azulejos revestiam, entre outros edifícios, mesquitas e madrasas, acentuando a sua simetria e transmitindo uma imagem de opulência.



Dimna é visitado no cárcere por Kalila, de *Kalila wa Dimna*. Herat 1429.

As primeiras miniatures de Herat foram em sua forma, a mais perfeita versão do estilo timúrida primitivo que floresceu no começo do século XV. Sob o patrocínio do último príncipe timúrida, o sultão Hussain ibn Mansur ibn Baiqara (1468-1506). Muitos acreditam que foi em Herat que a pintura persa atingiu seu clímax.

Seu estilo é identificado pelo colorido intenso e uma grande riqueza de detalhes, pela unidade da composição, perfeita caracterização de figura humana. As grandes obras da escola de Herat que sobreviveram incluem duas cópias de *Kalila wa Dimna* (coleção de fábulas animais com cunho político e moral), o *Golestā* (*Jardim de Rosas*) de Sa'di (1426) e um *Shah-nama* (1429).





Detalhe do peribolus (recinto sagrado em torno de um antigo templo clássico) do lado ocidental da Grande Mesquita de Damasco (715 d.C.)

Sobre esta parede está representado um edifício entre uma sucessão de árvores monumentais que representam um grupo pitoresco. Em primeiro plano a margem de um rio que está presente em todas as representações. Este mosaico é definido como mosaico Barada por causa do rio Barada que atravessa Damasco.



Painel de azulejos da parede externa do Domo da Rocha.

Interior do Domo.



Fragmento da fachada do portal de Qasr al-Hair al-Gharbi. Síria, final do séc. VIII. Museu de Damasco.

Este palácio era ricamente decorado como relevos tanto na sua parede interna como sobre a fachada externa do portal. O motivo de árvore com fruto entremeado como gomos de uva é trabalhado de maneira que a forma vegetal crie um forte contraste com o fundo bem escuro. A técnica de estuque, comum no Iraque durante o reinado sassânida, foi adotada pelos Omiadas para a decoração dos palácios da Síria.



Fragmento de um mural pintado de Qasr al-Hair al-Gharbi. Califa Hisham bin 'Abd al-Malik (724–43 -12). Siria.

Este fragmento pertence ao grupo de pinturas de afrescos que adornavam as paredes do segundo pavimento de Qasr al-Hayr al-Gharbi. Mostra a face de uma mulher de três quartos de perfil com uma manta delicada em torno da cabeça. Ela está localizada em um fundo de padrões geométricos e vegetais estilizados.

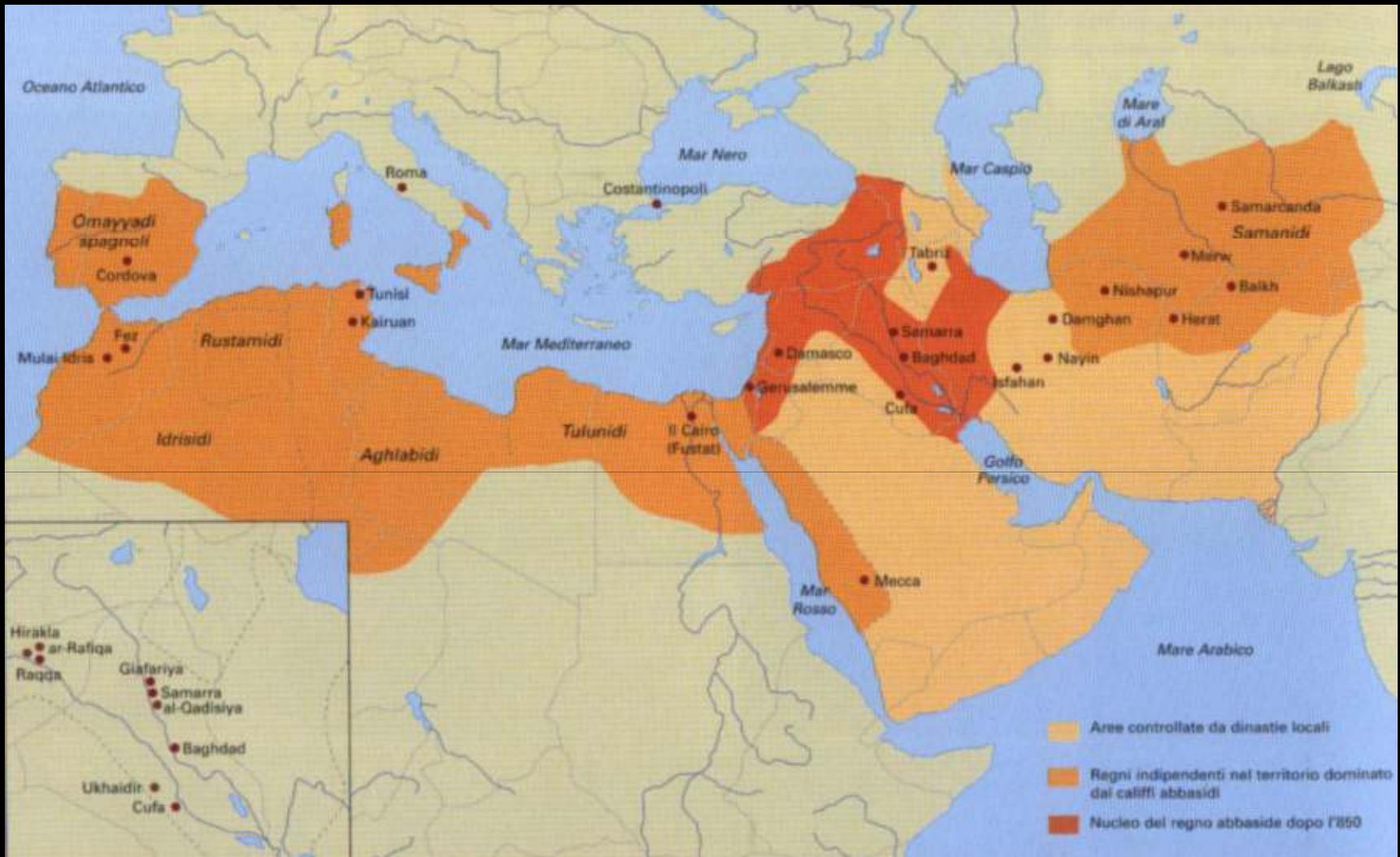
Os estudiosos acreditam que seja uma cantora do palácio. Fontes históricas mencionam que eram trazidas cantoras foram trazidas da região de Hijaz, no deserto árabe ocidental, para cantar nos palácios omíadas do deserto sírio.

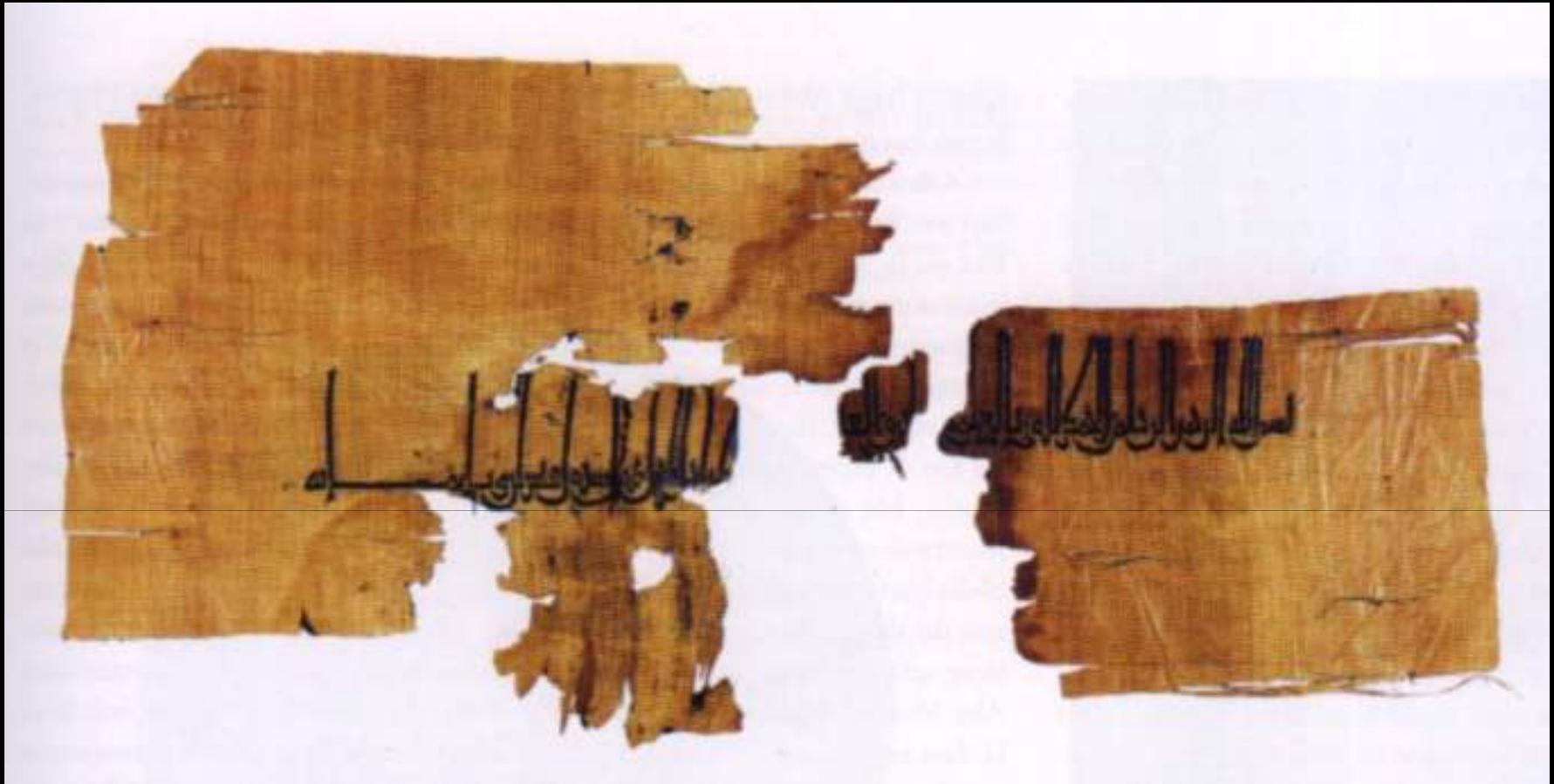


Decoração da Cupula de Khirbat al-Mafgiar. Palestina, metade do séc. VIII



Mosaico do pavimento de
Khirbat al-Mafgiar.
Palestina, metade do séc.
VIII





Fragmento de um Tiraz, seda e algodão. Irã ou Iraque. 932.
Invocação à Deus e a data 320 da Hégira.

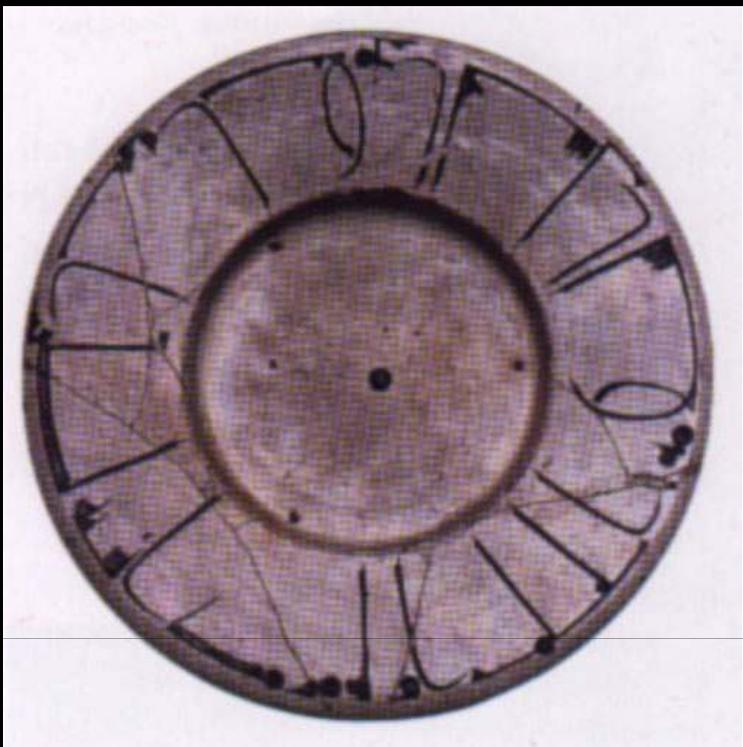


Azulejo de Samarra. Primeira metade do séc. IX.

Produto da técnica de millefiori. Pavimento do palácio Dar al-Khilafa. (talvez parte de decoração da parede). O termo millefiori é uma combinação das palavras italianas “Mille” (milhares) e “Fiori” (flores). É uma técnica de trabalho em vidro que produz diversos padrões decorativos on glassware.



Tigela. Iraque. Séc. IX



Tigela. Irã ou Tranxasonia, Séc. X.
Inscrição: “O conhecimento ao inicio tem
um sabor amargo, depois é mais doce que
o mel. Abençoado seja!”

Tijela. Irã ou Tranxasonia, Séc. X. Terracota
vitrificada. Decorado com duas faixas de
inscrições.





Tigela em cerâmica. Iraque IX.
Decoração policroma de cerâmica
vitrificada, um procedimento
dispendioso: recebe um material (caro)
e uma segunda queima em forno
especial. Desenho de um pássaro,
representação comum sob o domínio
abássida.

Tigela, Irã ou Transaxonia, séc. X.
Representa um cavaleiro armado com seu
cavalo e espada. Diferente das que contém
inscrições, esta é ricamente decorada com
pássaros e flores e caracteres gráficos.





Garrafa em vidro, Irã ou Iraque. Séc. IX ou X.

Produzida com uma técnica típica da antiguidade, para criar objetos coloridos.

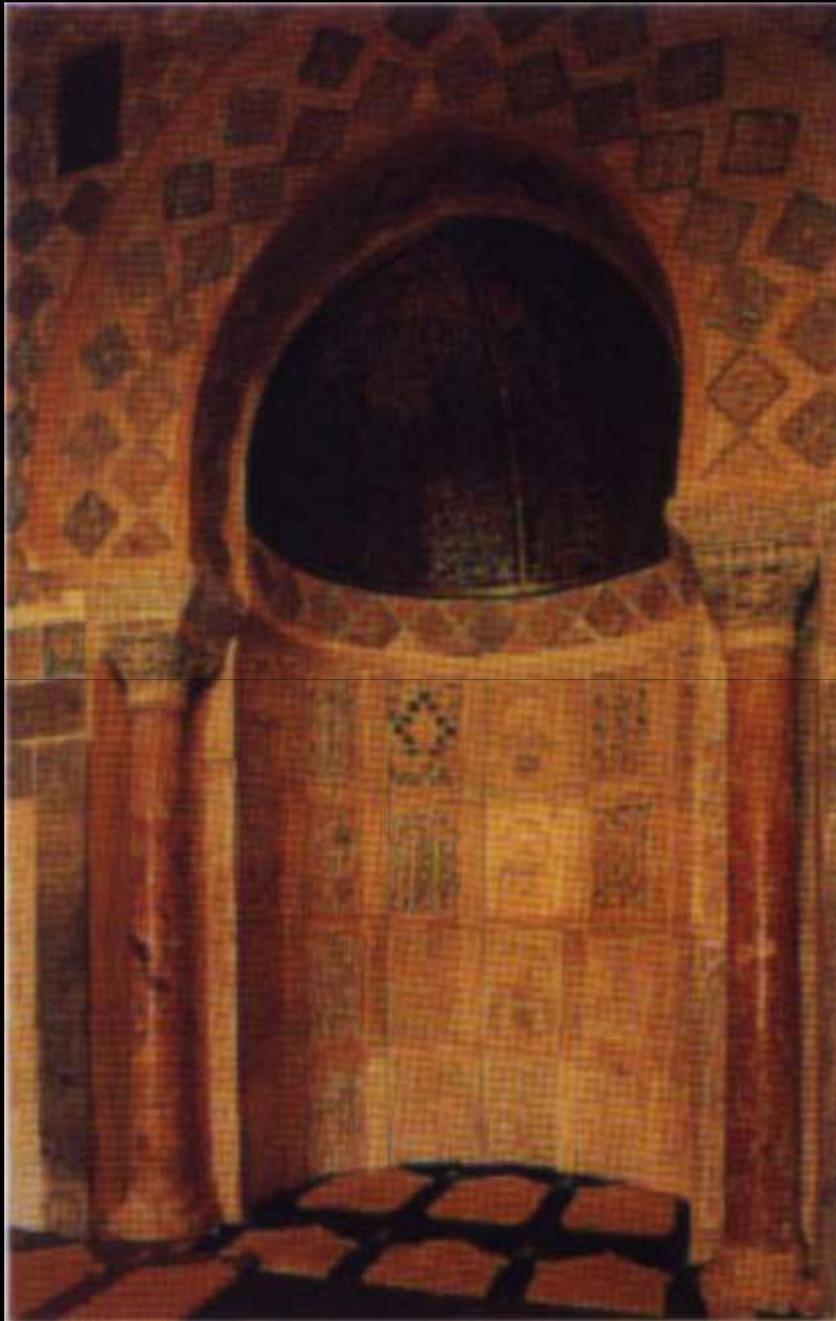
Técnica de chapeamento que consiste em cobrir a garrafa de vidro incolor com camadas de vidro verde de onde se recorta o desenho ou motivo. O estilo ornamental desta garrafa era muito popular em Samarra.



Prato, Irã. Séc. IX-X. Prata dourada.

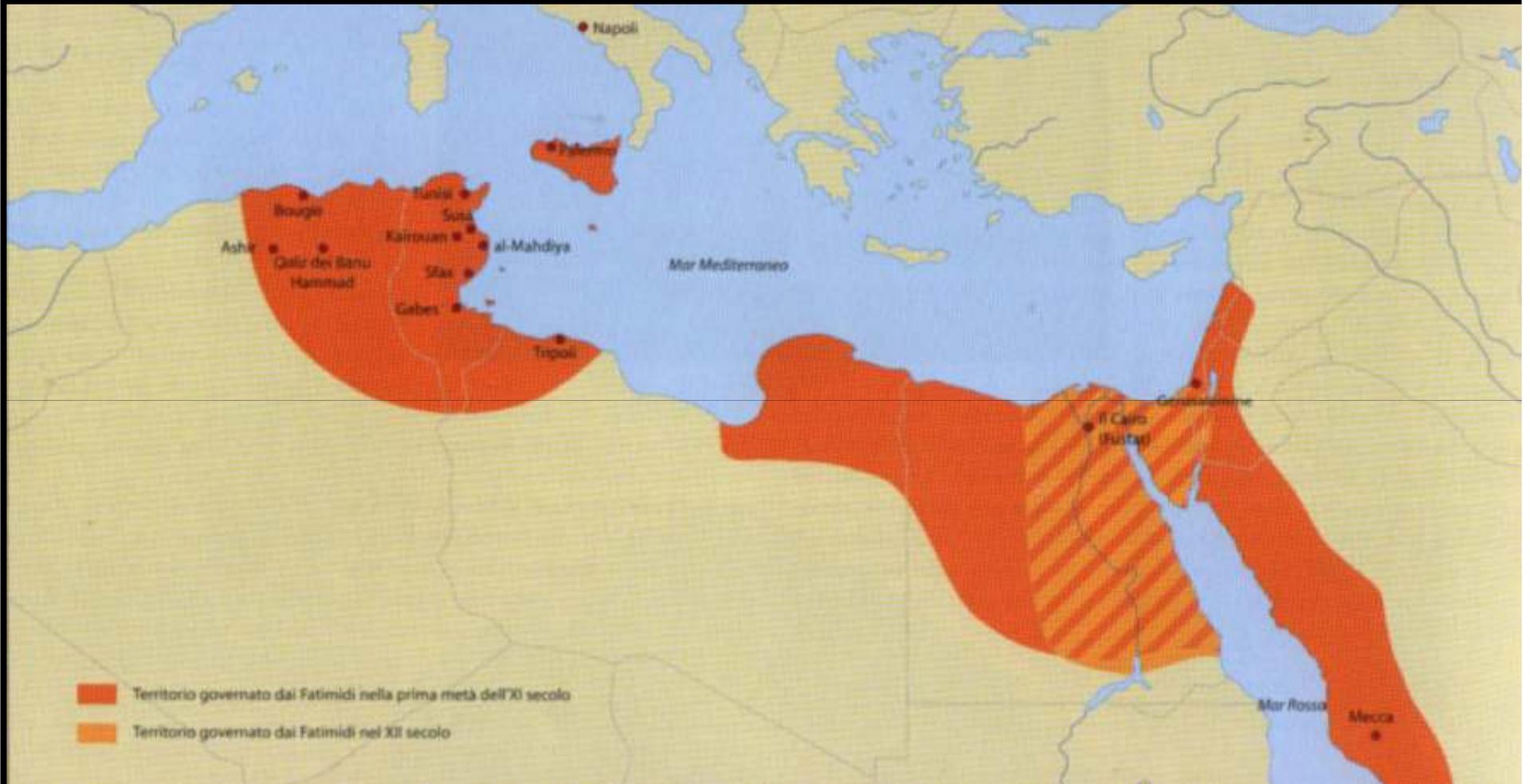
Uma variante da decoração com cena de caça da era preislâmica sobre reinado sassânida. A forma redonda é transformada em octogonal e é utilizado um *senmurv* estilizado (ser fantástico da tradição iraniana – criatura mítica alada)





Sala de Oração da Grande Mesquita de Kairuã.
Sala dividida com arcadas que se apóiam em colunas de origem romana ou bizantina. Para compensar a diferença de altura entre as colunas era colocado uma imposta de madeira ou pedra esculpida.

Mihrab da Grande Mesquita de Kairuã.
A parte frontal do arco e a parede circundante são revestidas de azulejos cerâmicos decorados com a técnica de metal lustroso, vinda de Bagdá





Xícara em vidro azul. Egito. Séc. IX-XI.
A parte superior é decorada com ornamentos ovais incisos no vidro quente com a ajuda de um alfinete. A arte em vidro fatimida se distingue pela amplíssima gama de cores e formas. Esta técnica de entalhe se desenvolveu no Egito em seguida se difundiu para o Oriente Médio.

Tigela em vidro com decoração metálica. Egito. Séc. X
A técnica de brilho metálico se baseava no uso do óxido de prata e de cobre. Também utilizado nos objetos cerâmicos.

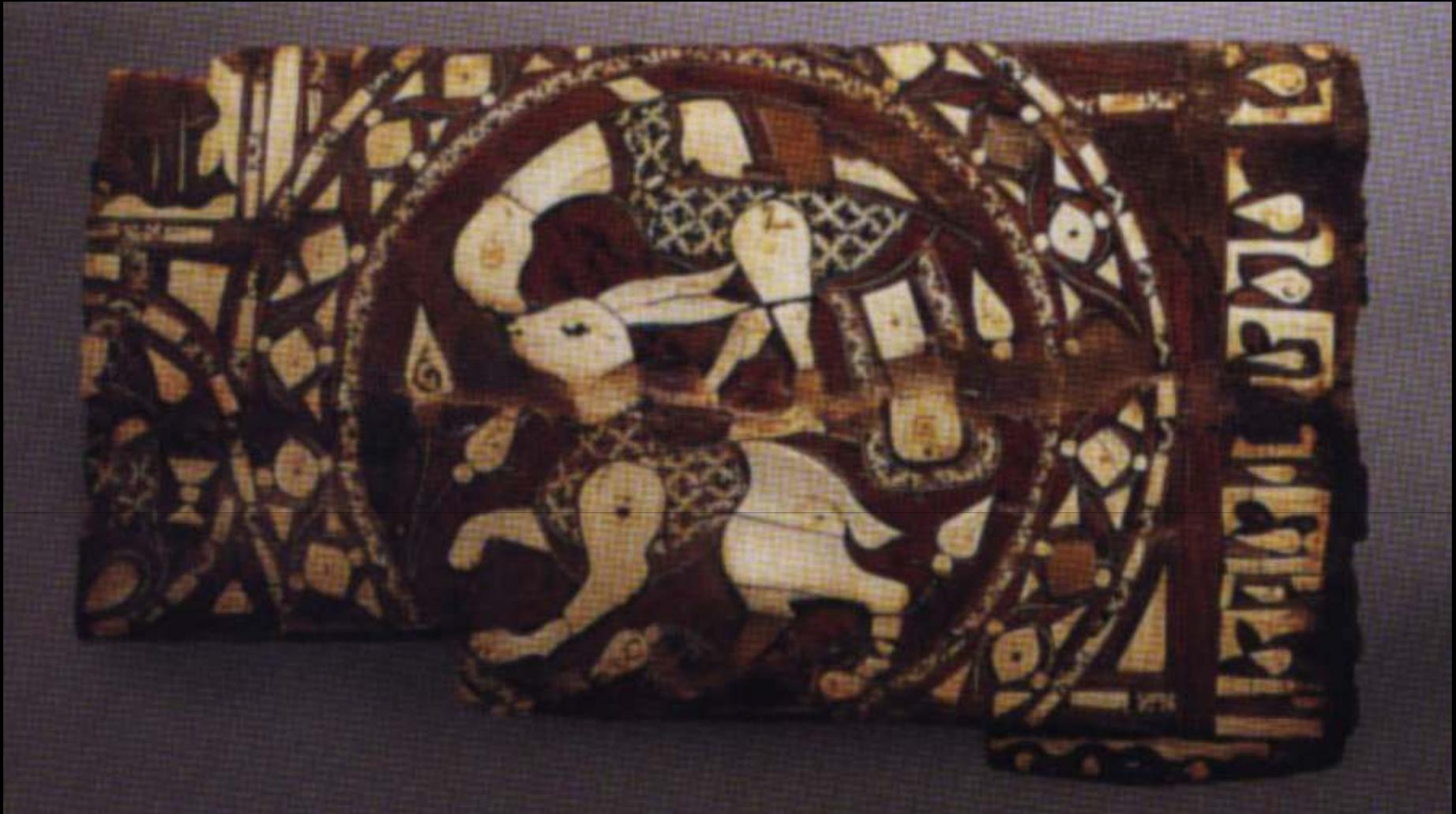




Tigela em cerâmica. Al-Baitar, Fustat. Séc. X-XI. Apresenta o desenho realizado com a técnica de lustração metálica, que são típicas do período fatimida. Contem uma lebre decorada em volta com folhas vegetais estilizadas. A folha de palmeira sob as pernas da lebre se refere a firma do artista al-Baitar.

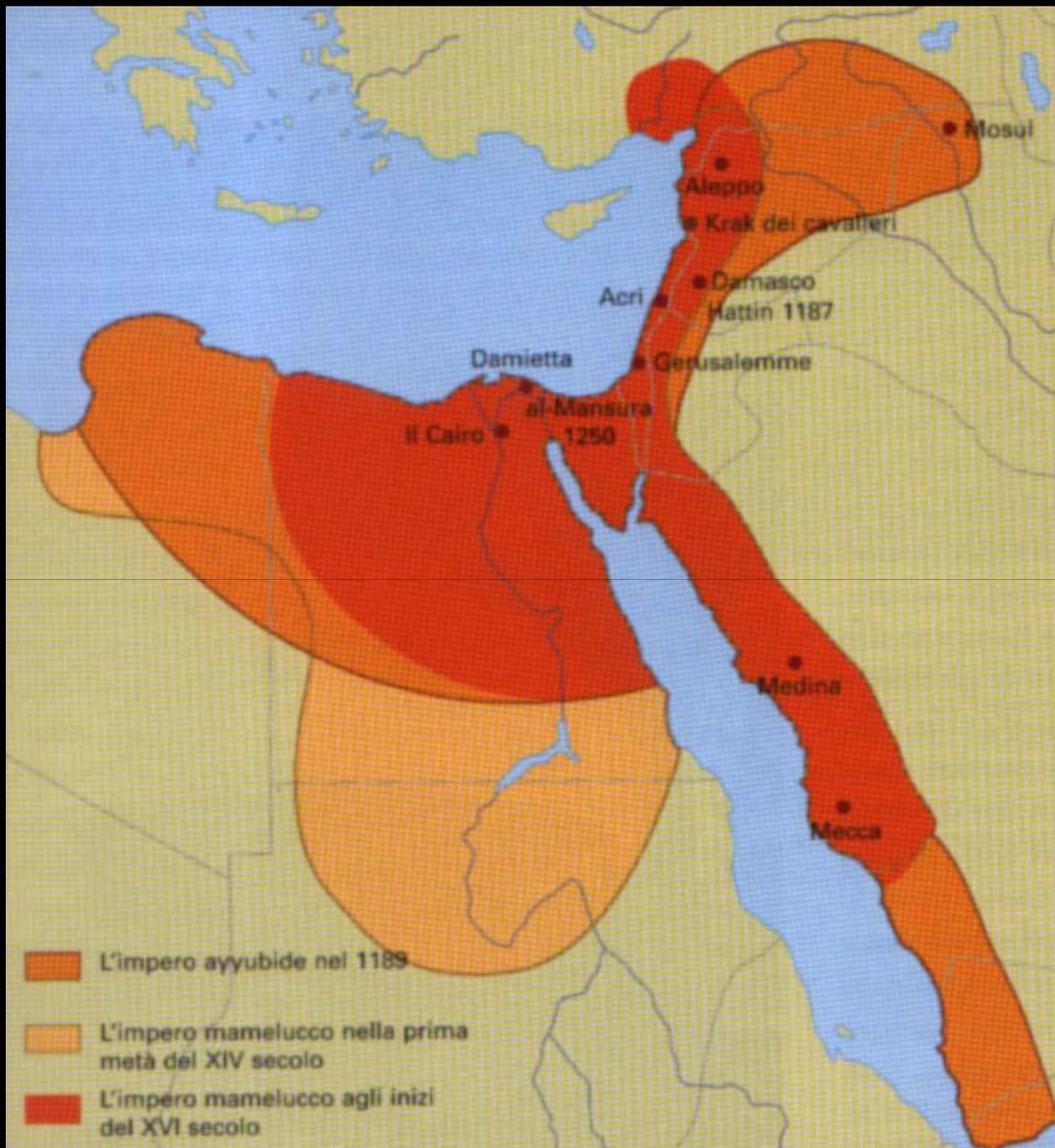


Tigela cerâmica. as-Saad. Egito. Séc.XI. No centro da tigela mostra a figura de um religioso, definido também como “sacerdote copta”, que traz na mão um incenso ou lâmpada. A esquerda tem uma cruz copta. Produto destinado a clientela cristã.



Painel com incrustações. Edfu. Séc. X.

Madeira laqueada, camada de madeira, marfim e osso. Cena de uma lebre sendo atacada por falcões. A escritura em pseudo cúfica é meramente decorativa.





Mapa de Jerusalém com as subdivisões no tempo das cruzadas. (1099)

O mapa que remonta a época das cruzadas reduz a cidade a um cerco esquemático subdividido em quatro setores. A parte superior mostra o Domo da Rocha e a mesquita Aqsa como o “templum domini” ou “templum salomonis”. O principal lugar de peregrinação cristão, o santo sepulcro é representado como um edifício circular no ângulo inferior à esquerda. Refere-se à conquista de Jerusalém pelos cruzados em 1099.



Lâmpada de Mesquita, Cairo. Início do séc. XIV.

Leva o nome do sultão Na-Nasir Muhammad e no gargalo o verso da Luz (sura 24;35) "Deus é a luz do céu e da terra; a sua luz pode ser comparada a um nicho que contém uma lâmpada, dentro um cristal brilhante como uma estrela" (em azul sobre ouro, enquanto embaixo é ouro sobre azul)

Garrafa em vidro. Síria. 1305.

A fama do vidro esmaltado e dourado era alta na região de onde era produzido.

Representa 12 cavaleiros a galope. Foi fabricada para um soberano que veio do lêmên, ao qual se refere a roseta de cinco folhas que se repete no desenho. O brasão do “pavilhão” ienemita era a rosa vermelha sobre fundo branco.





Tigela cerâmica. Síria. Séc. XIII
Representa um centauro, um ser mitológico com corpo de cavalo e corpo de homem.
Feita no período aiubida, a cerâmica policromada foi produzida na cidade de Raqqa, na síria setentrional, até a invasão mongol destruir em 1259 este centro de produção.

Tigela cerâmica. Síria. 1200
É um dos poucos exemplares que representa um ser humano: um príncipe em seu trono, rodeado por arabesco.





Taça em vidro, Alepo. Segunda metade do séc. XIII.

Esta taça era utilizada para beber. Cena de festa com os convivas que brindavam entre eles se alternando com inscrições honoríficas. Não é comum encontrar o nome e o título em obras de vidro, pois não eram consideradas um material de muito prestígio. Por isso não se pode saber se esta taça é do período mameluco ou aiubida.



Esfinge em terracota. Síria.
Final do séc. XIII.

Esta esfinge que foi decorada
com um esmalte policromo.
Origem da cidade de Raqqa,
norte da Síria. Era usada como
gárgula.

Empregado com jarro d'água. Miniatura do tratado Autômato de al-Giazari, 1206.

Abū al-'Iz Ibn Ismā'īl ibn al-Razāz al-Jazarī (1136–1206) (árabe: أبو العيز بن إسماعيل بن الرزاز الجزري) de origem iraquiana: estudioso, inventor, engenheiro mecânico, projetista, artista, matemático e astrônomo de Al-Jazira, Mesopotâmia, que viveu durante a idade "média" islâmica. Seu trabalho mais conhecido é o Livro do Conhecimento dos Artefatos e Engenhos Mecânicos (Kitáb fī ma'rifat al-hiyal al-handasiyya) em 1206, onde ele descreve 50 autômatos mecânicos com as instruções de como construí-los. O autômato é, por excelência, a "máquina" responsável pelo comando dos sistemas automatizados.





Jarro d'água. Damasco, 1259.

Possui o nome do ultimo aiubida, Salah ad-Din Yusuf, de Damasco, mais conhecido como Saladino, que se tornou o primeiro sultão aiubida do Egito e da Síria. Ele conduziu os muçulmanos contra os Francos e outros exércitos cruzados na região do Levante. Durante a maior extensão do seu poder ele governou o Egito, Síria, Mesopotâmia, Hijaz e Iemê. Ele foi da corrente sunita do Islã e discípulo místico da ordem sufi Qadiri.



Caixa em marfim com fechadura de combinação. Síria. 1200.
Provavelmente doada à igreja de Sint Servaas por um cruzado. O fechamento de combinação no lado da caixa mostra quatro mostradores com letras árabes que representam números. O modelo de um bloqueio desse tipo foi descrito por al-Giazari.





Caixa em marfim com o retrato de Abd al-Malik. 1004.
Representa Abd al_malik como o defensor dos fiéis. Ele foi o filho mais velho de al-Mansur e já era um líder hábil ainda quando seu pai estava vivo. Depois de sua morte em 1008, segue a fragmentação do califado andaluz.



Fragmento de tecido dos Pirineus. Período do califado, séc. X. Madri.
Os tecidos e telas feitos nas lojas do califado espanhol eram uma mercadoria muito requisitada na Europa, África setentrional e no Oriente.



Lâmpada à óleo em bronze com a empunhadura com a forma de cabeça de cervo. Período do emirado. Séc. IX. Granada.

Candelabro em bronze e lâmpada à óleo. Período do emirado. Séc. X. Granada.

O candelabro representa um motivo simbólico na arte da Espanha islâmica. Representação do paraíso islâmico. A base do candelabro tem uma pregação islâmica. Os arcos são ornados com motivos vegetais.



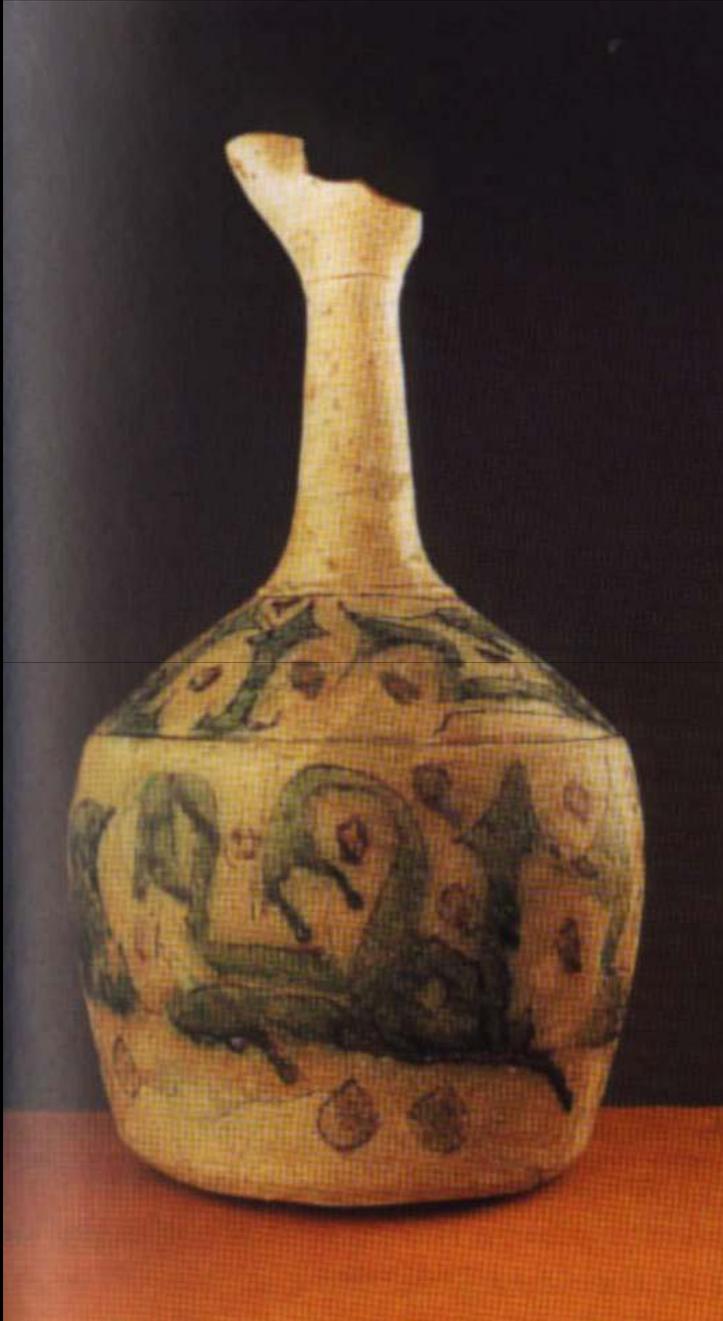


Emblema em relevo. Grande Mesquita de Córdoba. Emblema do séc. XVI.

Capitel Visigodo. Séc. VII.

Capitel do período do emirado, entre 833-848.

Sobre a porta de Santa Catarina, se mostra uma vista histórica do minarete construído por abd ar-Rahman III (891-961).



Prato em cerâmica. Madinat Elvira. Segunda metade do séc. X. Elvira, povoamento preislâmico de Granada. A representação deste prato era pouco comum na época omíada da Espanha. Apresenta um cavalo selado sempre pronto para o seu senhor.

Garrafa em cerâmica. Madinat al-Zahra. Fim do séc. X.





Rei Alfonso X, o sábio. Azulejos dos Cânticos a Santa Maria. Sevilha.
O rei Alfonso assume o trono de seu pai Ferdinando III e continua a reconquista, mas ao mesmo tempo demonstrou mais tolerância. O termo “o sábio” deriva de sua excelente cultura.



Um cristão e um muçulmano jogando xadrez. Séc. XIII. Madri.

A conquista de Maiorca por Jaime I de Aragão. Afresco. Barcelona. 1280



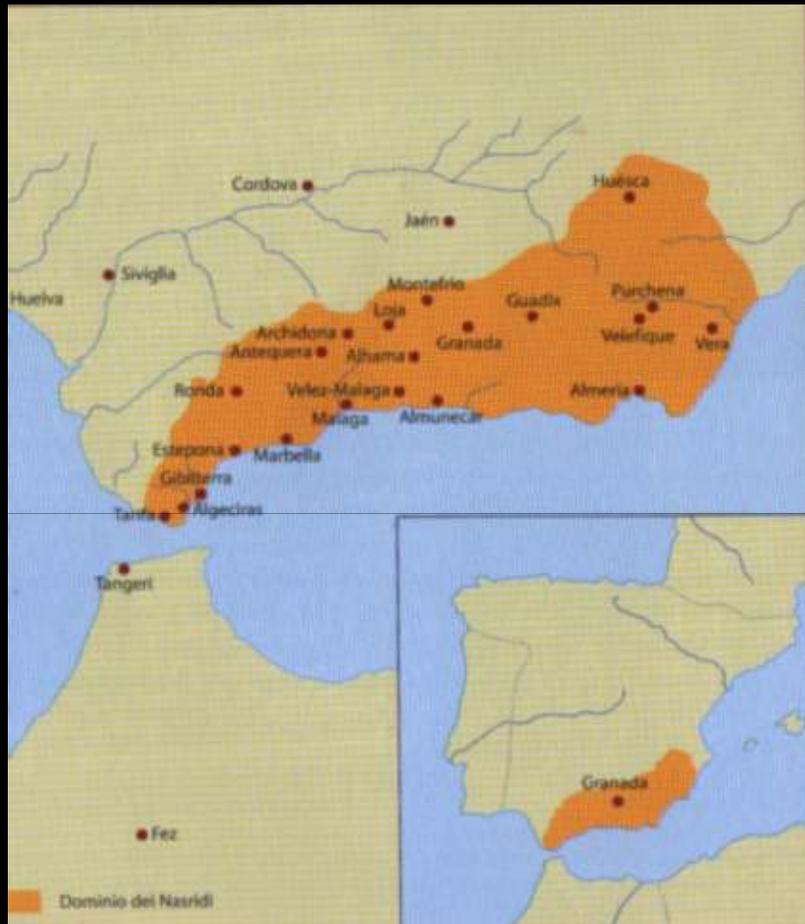


Bayad na margem do rio. Manuscrito andaluz de Bayad e Riyad. Sevilha. 1200.

Historia de amor ambientada no interior das camadas mais elevadas da sociedade, ocorre no mediterrâneo oriental. Cópia andaluza. O personagem na beira do rio aflito por seu amor por Riyad.

Hadith Bayāḍ wa Riyāḍ (Arabic, ورياض بياض حديث) (A história de Bayad e Riyad) ou Qissat Bayad wa Riyad é uma estória de amor árabe do século XIII. Os principais personagens do conto são Bayad, um filho de comerciante estrangeiro de Damasco e Riyad, uma garota bem educada da corte de um Hajib (vizir ou ministro) de AL-Andalus (Espanha Islâmica) a que é citada como A Dama.

Acredita-se que o manuscrito Hadith Bayad wa Riyad foi o único manuscrito ilustrado conhecido que sobreviveu por mais de oito séculos de presença muçulmana e árabe na Espanha. O único manuscrito na biblioteca do Vaticano, onde está catalogado como Codex Vat. Arabo 368.





Espada nasrida. Séc. XV
Esta espada é cerimonial e não bélica.

